

## MÚSICA, SAÚDE MENTAL E PANDEMIA: MANTER-SE (IM)PRODUTIVO EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

*MUSIC, MENTAL HEALTH AND THE PANDEMIC: STAYING (UN)PRODUCTIVE IN TIMES OF CONFINEMENT*

*MÚSICA, SALUD MENTAL Y LA PANDEMIA: MANTENERSE (NO) PRODUCTIVO EN TIEMPOS DE ENCIERRO*

**Denise Ayres d'Avila** 

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil  
[deniseadavila@hotmail.com](mailto:deniseadavila@hotmail.com)

**Ana Paula Pereira** 

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil  
[app.theiss@gmail.com](mailto:app.theiss@gmail.com)

**Andréa Vieira Zanella** 

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil  
[a.zanella@ufsc.br](mailto:a.zanella@ufsc.br)

**Kátia Maheirie** 

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil  
[ricardo.luiz@unifei.edu.br](mailto:ricardo.luiz@unifei.edu.br)

**Resumo.** Neste artigo abordamos a relação entre arte e pandemia desde a perspectiva de músicos e musicistas que trabalham com e vivem da música. O objetivo do estudo foi compreender como as condições de restrição social e risco epidemiológico têm interferido na produção, criação e subsistência de profissionais da música. Foram realizadas entrevistas com cinco artistas que atuam profissionalmente com a música, sendo essa sua principal fonte de renda. As respostas obtidas foram problematizadas com discussões de autores que estão abordando as questões psicológicas, sociais e econômicas decorrentes da pandemia, como Giorgio Agambem, Boaventura de Souza Santos e Alain Bihr, em diálogo com as teorizações sobre processos de criação apresentadas por Lev Vigotski e interlocutores/as. Como resultados, constatam-se os efeitos do isolamento social e restrições de mobilidade nas condições de trabalho e seus desdobramentos. Os/as profissionais se reinventaram em apresentações via plataformas digitais, mas logo constataram esgotamento da prática e se viram obrigados a desenvolver atividades econômicas diversas da música para garantir a subsistência.

**Palavras-chave:** Pandemia; Isolamento Social; Música; Trabalho; Processos de Criação.

**Abstract.** This article addresses the relationship between art and pandemic from the perspective of musicians and music makers who work with and live of music. The objective of the study was to understand how conditions of social restriction and epidemiological risk have interfered with the production, creation and subsistence of music professionals. Interviews were conducted with five artists who work professionally with music, which is their main source of income. The answers obtained were problematized with discussions of authors who are addressing the psychological, social and economic issues arising from the pandemic, such as Giorgio Agambem, Boaventura de Souza Santos and Alain Bihr, in dialogue with the theorizations on the processes of creation presented by Lev Vigotski and other interlocutors. The results show the effects of social isolation and mobility restrictions on working conditions and their consequences. The professionals reinvented themselves in presentations via digital platforms, but soon realized the exhaustion of the practice and were forced to develop economic activities other than music to ensure subsistence.

**Keywords:** Pandemic; Social Isolation; Music; Work; Creation Processes.

**Resumen.** En este artículo abordamos la relación entre el arte y la pandemia desde la perspectiva de músicos y músicos que trabajan y viven de la música. El objetivo del estudio fue comprender cómo las condiciones de restricción social y riesgo epidemiológico han interferido en la producción, creación y sustento de los profesionales de la música. Se realizaron entrevistas a cinco artistas que trabajan profesionalmente con la música, que es su principal fuente de ingresos. Las respuestas obtenidas fueron problematizadas con discusiones de autores que abordan los problemas psicológicos, sociales y económicos derivados de la pandemia, como Giorgio Agambem, Boaventura de Souza Santos y Alain Bihr, en diálogo con las teorías sobre los procesos de creación presentadas por Lev Vigotski y interlocutores / at. Como resultado, se pueden ver los efectos del aislamiento social y las restricciones de movilidad en las condiciones de trabajo y sus consecuencias. Los profesionales se reinventaron en presentaciones a través de plataformas digitales, pero pronto encontraron agotada la práctica y se vieron obligados a desarrollar actividades económicas distintas a la música para garantizar su sustento.

**Palabras claves:** Pandemia. Aislamiento Social. Música. Trabajo. Procesos de Creación.

**Résumé.** Dans cet article, nous abordons la relation entre l'art et la pandémie du point de vue des musiciens et des musiciennes qui travaillent avec et vivent de la musique. L'objectif de l'étude était de comprendre comment les conditions de restriction sociale et de risque épidémiologique ont interféré dans la production, la création et les moyens de subsistance des professionnels de la musique. Des entretiens ont été menés avec cinq artistes qui travaillent professionnellement avec la musique, qui est leur principale source de revenus. Les réponses obtenues ont été problématisées par des discussions d'auteurs qui abordent les questions psychologiques, sociales et économiques découlant de la pandémie, tels que Giorgio Agambem, Boaventura de Souza Santos et Alain Bihl, en dialogue avec les théories sur les processus de création présentées par Lev Vigotski et interlocuteurs. En conséquence, les effets de l'isolement social et des restrictions de mobilité sur les conditions de travail et leurs conséquences peuvent être observés. Les professionnels se sont réinventés dans les présentations via les plateformes numériques, mais ont vite trouvé la pratique épuisée et ont été contraints de développer des activités économiques autres que la musique pour assurer leur subsistance.

**Mots-clés:** Pandémie. Isolation sociale. Chanson. Travail. Processus de création.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos meses do ano de 2019, a notícia de uma variação da gripe vinda de Wuhan-China virou notícia no mundo. À princípio não houve alarde das demais nações e a China agiu rapidamente, tomando medidas sanitárias de isolamento populacional no intuito de reter o problema no próprio território.

Naquele momento não se tinha dimensão das proporções de contágio e tratamento da variação gripal e, em poucos meses, o mundo assistiu aos efeitos de uma acelerada transmissão esobrecarga nos sistemas de saúde. O vírus saiu do território inicial e foi se espalhando por todos os continentes, sendo eleito como um vírus pandêmico pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2020. (LINDNER, 2020)

A mortalidade registrada por COVID-19, de acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, é de 5,6% da população infectada. Com o contágio acelerado e o número crescente de óbitos, o planeta se viu diante de um desafio sem precedentes. Em boa parte dos países, com variações pautadas na autoridade de cada estado e na situação específica de letalidade e contágios, vimos suspenderam-se atividades econômicas não essenciais, transportes coletivos, encontros presenciais, eventos públicos, dentre outros. A única medida consensual de prevenção ao contágio defendida pela comunidade científica internacional, até o momento, é o distanciamento social, além da vacinação em massa que aos poucos vem sendo implementada. Em caso de necessidade de se frequentar espaços públicos, todos devem estar com máscaras no rosto e manter uma distância mínima de 1,5 metros. Diante da inevitável situação de contágio crescente, o Brasil se viu obrigado a adotar medidas de controle, porém discordâncias nas esferas federais, estaduais e municipais têm provocado o agravamento do controle da crise sanitária.

Encerramos o ano de 2020 imersos em um cenário que contabiliza mais de 190 mil mortes e supera 7 milhões de pessoas contaminadas em todo o território nacional.

Ainda não é possível prever, a longo prazo, as consequências das ações de isolamento social, mas, a curto prazo, constatam-se efeitos diretos na economia e na saúde mental das pessoas (SCHMIDT *et al*, 2020; FARO *et al*, 2020; BOHOSLAVSKY; RULLI, 2020). Demissões e suspensão de trabalhos, risco biológico e hiperinformação por meios midiáticos levaram pesquisadores(as) e profissionais da saúde mental a promover ações que indiquem estratégias de autopreservação e minimizem o sofrimento mental das populações atingidas por medidas de isolamento.

Dos setores econômicos envolvidos, profissionais da cultura têm sido um dos mais afetados, em virtude da suspensão de atividades de entretenimento, como shows, apresentações teatrais, concertos, dentre outras. No caso de artistas da área musical, a situação se apresenta como paradoxal: por um lado, o prolongamento das medidas de isolamento os prejudica diretamente, produzindo e intensificando situações de vulnerabilidade econômica; por outro lado, temos assistido à divulgação e consumo em massa de produções musicais, em espaços privados, através das lives, como são conhecidos os vídeos transmitidos em tempo real através da plataforma do Youtube. O sucesso das lives tem contribuído para fortalecer a imagem de artistas e para o entretenimento de quem atende à recomendação de isolamento social (JÚNIOR *et al*, 2020), porém há que se considerar que há diferentes condições profissionais que resultam em possibilidades diferenciadas para se garantir o sustento nesses tempos de pandemia. Se as lives têm sido um sucesso para profissionais bem estabelecidos no mercado fonográfico, que estratégias vêm sendo adotadas para sobreviver por profissionais da música que não alcançaram o reconhecimento do grande público de modo geral? De que modo a pandemia os tem impactado, bem como ao seu fazer musical? Para construir respostas a essas questões, é objetivo deste trabalho investigar como as condições de restrição social e risco epidemiológico têm interferido na produção, criação e subsistência de profissionais da música.

## PANDEMIA COVID-19: O CORONAVÍRUS

[...] Foi assim  
No dia em que todas as pessoas  
Do planeta inteiro  
Resolveram que ninguém ia sair de casa  
Como que se fosse combinado em todo o planeta  
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém  
O empregado não saiu pro seu trabalho  
Pois sabia que o patrão também não 'tava lá  
Dona de casa não saiu pra comprar pão  
Pois sabia que o padeiro também não 'tava lá  
E o guarda não saiu para prender  
Pois sabia que o ladrão, também não 'tava lá  
E o ladrão não saiu para roubar  
Pois sabia que não ia ter onde gastar [...]  
(Raul Seixas, 1977)

Desde o início da pandemia do Covid-19 muito se produziu filosoficamente acerca da temática. Entretanto, a pouca compreensão e o ineditismo do fenômeno viral e social alcançado têm acarretado desvalidação compulsória de diversos trabalhos publicados por autores frequentes da academia. Exemplificando: no início da pandemia, o filósofo Giorgio Agamben (2020) afirmou em texto publicado no livro “Sopa de Wuhan” que as ações do governo italiano de restrição à liberdade individual seriam desproporcionais, irracionais e injustificadas, indicando o uso de estado de exceção como oportunista governamental. No entanto, antes mesmo da leitura final do texto já tínhamos a notícia de que o sistema de saúde italiano havia colapsado ao ponto das equipes médicas terem que escolher quem atender e deixar uma parcela da população sem atendimento pela incapacidade de absorção.

Há trabalhos que problematizam os efeitos do neoliberalismo crescente desde a década de 80, com a produção do ‘estado mínimo’. Nesse viés, Boaventura de Souza Santos (2020) pontua que o mundo vive em estado de crise permanente, sem interesse de solução, uma vez que a crise legítima a concentração de renda e o desmonte dos serviços públicos, o que dificulta as possibilidades de resposta à pandemia.

Sob essa lógica, seria o Covid-19 um descaso político? Alain Bihr (2020) explica que a lógica do neoliberalismo advém do princípio de que todos temos capital de saúde e autonomia de manutenção, portanto, somos responsáveis pelos efeitos em nosso corpo. Tal perspectiva ignora a saúde como ‘bem público’ e serviu de argumento, associado à crise econômica permanente, para a precarização dos serviços essenciais.

O fato é que a história infectológica recente vem de uma escalada de vírus potencialmente contagiantes e mortais, tanto que nos países orientais já é usual a máscara no rosto há alguns anos. Mas há que se perguntar: por que não houve aparelhamento para o quadro atual? O Covid-19 se espalhou em um cenário de movimento anti-vacina e ressurgimento de doenças já erradicadas. Indo além, temos um contingente de defensores de terraplanismos e negacionistas da ciência, os quais contribuíram para a ascensão de líderes promovidos por fakenews, embasados por discursividade fascista (ZIZEK, 2020)

Os interesses econômicos sobrepõem-se às vidas desde sempre. David Harvey (2020) relata que círculos próximos ao presidente americano Donald Trump comemoravam a chegada do Covid-19, repercutindo os impactos econômicos que criaram na rival China. No entanto, não calculavam que a conta não ficaria apenas com os asiáticos, tanto que 30% das empresas do mundo sofreram desvalorização, suspendendo as bolsas mundiais. O autor não deixa de mencionar a lucratividade da indústria farmacêutica que motiva a inabilitação de processos preventivos, pois “quanto mais doentes nós estamos, mais eles ganham” (HARVEY, 2020, p. 19).

## SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

A propagação do coronavírus (COVID-19) já é considerada pela Organização Mundial de Saúde como o maior desafio enfrentado pela saúde coletiva em décadas. Certamente, os quasedois milhões de mortos no

mundo em 10 meses corroboram essa perspectiva. (Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 2020)<sup>1</sup> Entretanto, avizinha-se uma preocupação que já estava em destaque antes desta condição pandêmica se instalar: a saúde mental. De acordo com Minayo e Bahia (2020), o suicídio, fenômeno multifatorial, é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no mundo. Os fatores de risco ao suicídio, de acordo com (PORTO; DELZIOVO; QUEIROZ, 2019), são a depressão, alcoolismo, isolamento social e perdas recentes. Considerando esses fatores, é possível afirmar que as condições epidemiológicas atuais e consequentes medidas protetivas se caracterizam como fatores de risco à saúde mental.

Corroborar tal afirmação o estudo de Schmidt *et al.* (2020) que aponta a intensificação, no contexto da pandemia, de quadros de ansiedade, depressão, comportamentos obsessivos com higiene, medo excessivo, insônia e stress.

## PANDEMIA E FAZER MUSICAL

A música como um campo de atuação profissional abrange um leque de fazeres que envolvem, por um lado, os processos de criação musical e, por outro, sua objetivação pública, as apresentações, performances, espetáculos, shows e outros.

De acordo com Maheirie (2003), é possível qualificar a música como uma forma de comunicação, de linguagem, pois por meio do significado que ela carrega e da relação com o contexto social no qual está inserida, ela possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos. Por ser polissêmica por condição, seu processo de criação, assim como o de recepção envolve complexas formas e relações, as quais não podem ser qualificadas *a priori*.

Ao criar, o músico e a musicista trazem as experiências anteriores e todo conhecimento que foi apropriado e acumulado, o qual, por meio da imaginação, é decomposto e re combinado de novas maneiras (VYGOTSKY, 2010). As emoções, que fazem parte desse processo mediando cada etapa, são modificadas e transformadas ao longo dele. Assim, a criação musical é um processo reflexivo-afetivo de alta complexidade (MAHEIRIE, 2003; MAHEIRIE; ZANELLA, 2017), por meio do qual não expressamos as emoções, mas as transformamos completamente. No entanto, Vigotski alerta que a criação só se realiza pela objetivação do produto, o qual se colocará a outro, marcando o caráter social e muitas vezes coletivo de qualquer criação. A criação individual ou a criação coletiva são sempre um fenômeno social, marcado pela intersubjetividade, seja na elaboração, seja na objetivação do novo produto

Pode-se afirmar que a criação musical está longe de ser um rompante de invenção que brota da inspiração quase mágica do músico ou da musicista. O que aprendemos com Vigotski (2010) é que a criação é um processo árduo, sofrido, de intensa transpiração e que demanda muito tempo. São múltiplas as variáveis que participam de forma ativa na criação, que vão desde condições materiais, envolvendo possibilidades concretas na produção do novo material, até condições simbólicas, como a disposição subjetiva para a visualização do produto da criação e seu impacto no futuro (MAHEIRIE; ZANELLA, 2017). Se pensarmos a partir das condições simbólicas, vale questionar: o que o artista musical pode pensar sobre o futuro? Como projeta seu objeto da criação? Que impacto vislumbra entre seu público?

Se pensarmos a partir das condições materiais para a criação musical, faz-se importante questionar acerca das condições de moradia, de alimentação, de tempo, de trabalho e outras que envolvem o enfrentamento dos suplícios da criação. O profissional da música vive do trabalho acústico (ARAÚJO, 1999), seja ele autoral ou não. É desse trabalho que ele come, mora e paga suas contas. Viver do trabalho acústico em um país como o Brasil é consideravelmente mais penoso do que vivê-lo no norte da Europa. Em território brasileiro, excetuando o exercício da docência, geralmente o trabalho acústico gera renda quando realizado na modalidade de shows e/ou apresentações públicas, em bares e casas destinadas a este fim, as quais acabam sendo, para a maior parte desses trabalhadores, sua única fonte de renda.

Em situação ordinária, podemos apontar suas precárias condições para a realização do trabalho, o qual envolve muitas horas tocando um determinado instrumento, com movimentos repetitivos, criando e ensaiando por longo tempo para que possa realizar uma apresentação pública. Fundamentalmente em bares e casas noturnas, as/os artistas recebem de forma precária seu sustento, dependendo da quantidade de público para receber seu cachê. Sua condição de trabalhador é precária: não tem carteira de trabalho assinada, não tem salário fixo e, conseqüentemente, não tem FGTS, 13º salário ou quaisquer outros direitos que tornam o trabalhador respaldado para uma vida mais digna.

---

<sup>1</sup> Dados atualizados em 17 de julho de 2020

Esse setor, da música no Brasil, foi fortemente impactado pela crise do coronavírus. As atividades de seus profissionais foram de 100 a 0 em menos de duas semanas, conforme afirmaram o/as signatários de carta aberta encaminhada ao Governo federal<sup>2</sup> na qual pedem apoio através de uma petição pública.

O isolamento social como medida adotada para conter o avanço do coronavírus gerou o fechamento de casas noturnas, pubs e bares e a proibição à realização de shows e eventos, o que fez com que profissionais da música, produtores e outros trabalhadores do meio cultural de todo o país ficassem sem boa parte ou em alguns casos sem a única fonte de renda. Foram lançados à deriva, sem recursos e sem possibilidade de sobreviver de seu próprio trabalho. Diante desse cenário, interessa-nos compreender o impacto da atual conjuntura sobre o fazer musical desses profissionais, sua criação e a possibilidade de viverem da música.

## MÉTODO

Para responder ao objetivo desta pesquisa, realizamos cinco entrevistas com profissionais da música, acessados através da técnica "bola de neve" (snowball sampling).

Trata-se essa técnica de uma estratégia de escolha de participantes de pesquisa através de indicações dos próprios respondentes, sendo o número de entrevistas realizadas determinado pela saturação das informações. Consideramos como critérios para a escolha dos/as entrevistados/as: pessoas que tem na música sua principal fonte de subsistência; que atuam há mais de cinco anos na área; sem distinção de gênero; que exercem diferentes ofícios e trabalham com diferentes estilos musicais.

As entrevistas tiveram a característica de uma conversa informal (SPINK, 2008), com questões previamente delineadas mas com abertura para mudanças em razão das temáticas que emergiram no decorrer do diálogo. As questões foram desenvolvidas em três eixos: situação socioeconômica, produção artística e saúde mental em tempos de pandemia. Em decorrência das condições epidemiológicas, foram privilegiados instrumentos remotos para a realização das entrevistas, a saber, videochamadas de aplicativos de celular. As entrevistas tiveram duração média de 50 minutos; foram gravadas com aquiescência dos/as entrevistados/as e posteriormente transcritas. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram adotados procedimentos éticos e o projeto foi submetido ao CEPESU (4.431.193).

Para a análise das entrevistas, trabalhamos a leitura *foucaultiana* que considera o discurso sustentado por um coletivo de enunciados heterogêneos, coexistindo em uma área de saber; apoia-se por conseguinte em um mesmo sistema regulatório, em uma mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2015). Em decorrência, atentou-se ao discurso de profissionais da música visando compreender as práticas que legitimam a inserção nesse campo. Buscamos entender o universo de compreensão autorizado nas comunicações desse coletivo de profissionais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O modo como as condições de restrição social e risco epidemiológico têm interferido na produção, criação e subsistência de profissionais da música apresenta semelhanças e diferenças para os/as entrevistados. Para viabilizá-las, apresentaremos os resultados a partir do ponto de vista de cada pessoa com a qual pesquisamos.

### Ana<sup>3</sup>:

Ana é uma jovem de trinta anos, com uma carreira de quatorze anos na música, tocando violão e cantando em bares e shows. Solteira, lésbica, mora com a atual companheira e não possui dependentes financeiros. Sempre ouviu recomendações familiares para não se dedicar integralmente ao ofício musical, e por consequência nunca se sentiu segura para abrir mão da jornada regular na empresa de sua família, dividindo esses quatorze anos de carreira entre jornadas semanais na loja e as noites nos bares e eventos que divulgavam seu trabalho.

A vida ia bem, já tinha um público cativo que acompanhava seus passos e agenda, um salário coerente com as necessidades, Ana ganhava mais de quatro salários mínimos com as atividades musicais. Entretanto,

---

<sup>2</sup>[https://secure.avaaz.org/community\\_petitions/po/comite\\_de\\_crise\\_da\\_musica\\_carta\\_aberta\\_dos\\_profissionais\\_da\\_musica\\_ao\\_governo\\_federal/?o=NWZPpb&utm\\_source=sharetools&utm\\_medium=twitter&utm\\_campaign=petition-912049-carta\\_aberta\\_dos\\_profissionais\\_da\\_musica\\_ao\\_governo\\_federal&utm\\_term=NWZPpb%2Bpo](https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/comite_de_crise_da_musica_carta_aberta_dos_profissionais_da_musica_ao_governo_federal/?o=NWZPpb&utm_source=sharetools&utm_medium=twitter&utm_campaign=petition-912049-carta_aberta_dos_profissionais_da_musica_ao_governo_federal&utm_term=NWZPpb%2Bpo)

<sup>3</sup> Nome fictício. Todos os entrevistados tiveram seus nomes alterados por questões éticas.

a pandemia do coronavírus (covid-19) mudou tudo. Não era somente a questão financeira que tinha estagnado, sua carreira lapidada por anos em um território de concorrência acirrada estava em risco.

Segundo Ana, com a pandemia uma vida de divulgação e arte estava entrando no esquecimento, no apagamento das memórias dos seus fãs cativos. Para que seu nome não desaparecesse do cenário musical, Ana buscou municípios vizinhos, cuja flexibilização de mobilidade permitia eventos, e se viu tocando em lugares precários, reduzindo seus ganhos financeiros, se sentindo em risco de contágio.

Para compreender a estratégia adotada por Ana, é importante considerar que as condições de manejo com a proliferação viral no Brasil não seguiram uma unidade de percepção diante da crise, como pontuado no artigo de Henriques e Vasconcelos (2020). Apesar dos alertas da Organização Mundial de Saúde, o Governo Federal se absteve de gerir a crise, demitindo ministros que defendiam o isolamento social e a suspensão de atividades, até chegar a um ocupante interino militar e sem compreensão do Sistema Único de Saúde.

Em Santa Catarina, o governo estadual buscou tomar medidas enérgicas para conter o avanço do contágio com suspensão das atividades, suspensão dos transportes públicos terrestres e barreiras sanitárias intermunicipais e interestaduais, mas se viu enredado em uma série de denúncias que fragilizaram a manutenção destas ações, como pontuado por Caponi (2020).

Restou aos municípios a ação de estabelecer medidas de contingência conforme os sistemas de saúde foram inflando e atingindo uma potência de colapso. Nesse sentido, cada um dos dezesseis municípios da chamada Grande Florianópolis, região em que Ana reside, passou a agir individualmente a crise sanitária. Quando a entrevistada pontua a busca por municípios vizinhos em que a flexibilidade de mobilidade urbana ainda está presente, é nesse contexto que ela se encontra.

Vale pensar que as condições de governabilidade são vetores de orientação para a conduta social. A produção de conhecimento, ainda em construção, sobre a pandemia de COVID-19 desperta o medo e os cuidados de grande parte da população. Entretanto, a ausência de uma condução política unitária pressiona a população em buscar meios de subsistência mesmo sob o risco do possível contágio. Em Foucault (2010), a biopolítica revela o desenvolvimento de tecnologias de poder, sob esse olhar lê-se que tais tecnologias apontam para o governo da vida e da morte, é o deixar viver e deixar morrer. O remanejamento estratégico das formas de disciplina perante as condições epidemiológicas indicam a perspectiva ideológica vigente, cada sujeito tem autonomia exercer sua proteção e desvelam que o soberano exerce o biopoder na conduta de morte, uma vez que não produz o mínimo de orientação à população.

Ana descreve que Santa Catarina tem baixo investimento no setor da música por parte das políticas públicas e entende como não democráticas as relações no setor. Os artistas que se destacam fazem parte de um coletivo privilegiado no que diz respeito ao acesso a contratos e indicações para shows, resistindo à inclusão de novos talentos. Sua carreira foi desenvolvida com investimento próprio e as atuais circunstâncias tornam tudo mais instável; os shows são cancelados com frequência e Ana assiste seus amigos abandonando o ofício musical para desenvolver outras atividades que permitam a subsistência. Sente como se todos seus investimentos tivessem sido em vão.

A criação, segundo descreve, está estagnada. Sempre foi de produzir muito, de analisar tendências do mercado no desenvolvimento de suas criações, mas neste momento não tem inspiração, mantém preocupações mais urgentes que os sonhos individuais, que a perspectiva de virar uma cantora de projeção nacional. Chegou a realizar algumas *lives*<sup>4</sup> pela internet, mas percebe que o custo cobrado por outros profissionais de suporte ao feito inviabiliza a realização.

Para dar conta da realidade, Ana passou a se submeter a sessões de psicanálise, organizar a rotina em meio a demandas de autopreservação, evitando informações jornalísticas em excesso e repercutindo constantes cuidados de higiene, intencionando redução de possibilidade de contágio. O medo tem tomado corpo em sua rotina diária, pois tem familiares do grupo de risco e não sabe o que pode acontecer.

Os relatos de Ana que descrevem como refletindo a baixa produtividade, preocupações recorrentes com a potência de contágio e sobrevivência, são observados nas produções de estudiosos em saúde mental que correlacionam aspectos sociais aos individuais na perspectiva do sofrimento mental (SCHMIDT, et al., 2020) e apontam para as preocupações de manutenção deste sofrimento no eixo pós-pandêmico, a busca por auxílio profissional realizado pela artista já indica a latência que o ambiente social tem potencializado em sua vivência.

---

<sup>4</sup> Exibição do seu trabalho por meio de plataformas digitais de comunicação com o público em casa, como: Youtube, Instagram.

## Cauê

O segundo entrevistado tem trinta e cinco anos, sendo os últimos dezoito anos dedicados à música, sua única fonte de renda. Descreve uma condição financeira estável até a pandemia iniciar, uma vez que possui casa própria e os rendimentos perfaziam até três salários-mínimos. Reside com a companheira (estudante e sem renda), um filho do casal e o enteado, ainda pequeno; possui uma filha mais velha, de outro relacionamento, a quem destina pensão dealimentos.

Sobre a pandemia, Cauê descreveu o sofrimento com a mudança das práticas cotidianas e ausência de lazer, mas a família está dedicada a ações de cuidados e higiene. A rotina se resume à administração da casa e às necessidades das crianças pequenas, que exigem auxílio nas atividades escolares que não podem ser entregues sem qualidade. A falta de privacidade e de tempo tem repercutido negativamente em seu processo de criação; Cauê explicou que buscadiariamente, após as crianças dormirem, dedicar-se à música.

O entrevistado percebe que a conjuntura não possibilita seu exercício profissional com ganhos dignos para a subsistência da família. Tem produzido *lives*, mas o retorno financeiro não é significativo; entende que essa estratégia de divulgação artística está se esgotando, o mercado de divulgações nas plataformas virtuais é amplo, saturado e gera mais desvalorização ao setor. O artista precisa lidar com o público que está esgotado, com as limitações técnicas de realizar seu trabalho intermediado por tecnologias e plataformas e o prejuízo estético e sonoro decorrente. No caso de Cauê, seu instrumento é o contrabaixo e não possui uma visibilidade tão expressiva no imaginário popular.

Com esse contexto doméstico e social, está desmotivado. Entende que sua performance circunda a presença física de pessoas. Seu perfil artístico mantém constante interesse em produzir músicas instrumentais (ele não canta) e a presença de palco foi descrita por ele como necessária para a transmissão de sua mensagem.

Pensando no cenário pós-pandêmico, referiu uma perspectiva de medo e preocupação. Se por um lado acredita que as pessoas estão sedentas por cultura e diversão, por outro, teme que o mercado abra espaço ao amadorismo, e toda luta do setor por melhores salários seja destituída pela precarização do trabalho artístico. Cauê entende que todos no setor de entretenimento estão agonizando com a restrição de circulação de pessoas, mas o retorno às atividades agora não se faz com segurança e deveria haver políticas de auxílio para a categoria, com taxas de juros mais baixas, que protegesse os profissionais nesse momento.

Cauê descreve muitos desafios vivenciados, além da perspectiva financeira e familiar: acasa em que reside está no mesmo espaço territorial da casa dos pais idosos, e as preocupações com a possibilidade de contágio são diárias. Mesmo limitando o acesso à informação, descreve o humor oscilante a vários fatores. Após noventa dias sem acesso a renda, conseguiu o auxílio emergencial do Governo Federal, mas está vendendo bens adquiridos para uso doméstico com intuito de garantir o “padrão alimentar das crianças”, em suas palavras.

Sob seu olhar, a falta de coerência com o problema enfrentado nas diversas instâncias de governo levará o setor a uma lenta recuperação, acreditando que isso se prorroga em forma de crise por ao menos mais dois anos, até que se vislumbre alguma expressão de recuperação. Com tudo isso, não percebe a necessidade de tirar o pijama, de se arrumar, entende que o cuidado com a aparência é para o lado de fora que se mostra inacessível nesse momento.

O medo com o futuro próximo e as complexas relações de poder hierarquizadas no campo aparecem como ponto comum entre os entrevistados. A preocupação com o oportunismo de precarização dos ganhos e condições de trabalho no setor se manifesta em mais de um entrevistado, como vimos no caso Ana e dimensionam as dificuldades que sustentam as narrativas vividas pelos artistas.

A entrevista de Cauê amplia o olhar da pesquisa ao musicista que possui crianças em casa e o exercício de maternidade/paternidade em contexto de isolamento social. Como pontuado por Lima (2020) ainda temos escassez de material avaliando adequadamente os aspectos psicossociais nos diferentes grupos sociais. Mas há, como ressaltado pela autora, cartilhas de orientação produzidas pela FIOCRUZ para famílias e grupos segmentados administrarem a crise, as quais tem circulado com frequência análoga as *lives* de agentes promotores de temas da saúde.

De acordo com Lima (2020) os textos indicam a necessidade de equilíbrio dos tempos de trabalho, autocuidado, família e entretenimento, mas toda recomendação é preventiva aos sentimentos que emergem potencialmente decorrentes do isolamento social como medo excessivo, desânimo, apatia, descrença no futuro, depressão. O depoimento de Cauê aponta para a singularidade que emana da falta de acessos, recursos financeiros e complexidade de manutenção de boas práticas diárias quando se tem filhos pequenos que demandam atenção para atividades mínimas. Conforme a autora menciona, é preciso buscar formas de

sobrevivência que amenizem os impactos dessa experiência-limite na saúde mental, é criar estratégias em um campo sem precedentes teóricos de auxílio.

### **Lio**

Lio, 42 anos, é casado e tem uma filha. Há 28 anos exerce atividade profissional com música, sua única fonte de renda. Sua família materna, seu avô, sua avó e sua mãe, estavam envolvidos no meio musical de sua cidade, ligados à igreja, ao coral, e a banda. Seu avô foi maestro da banda e do coral por 30 anos, a sua mãe foi maestrina por 12 anos, tendo sido educadora musical. Lio cresceu nesse meio. Na adolescência começou a ter aula com um professor de flauta transversal. Seu professor de flauta lhe inspirou a seguir a profissão de músico, e isso foi um aval para cursar bacharelado em flauta transversal. Investiu em sua formação acadêmica cursando mestrado e doutorado em música.

Lio disse ter percebido, em um momento da sua vida como músico, que trabalhava com o entretenimento de classes econômicas mais favorecidas, aristocracia e a burguesia. Então a educação e a pesquisa para ele foram uma forma de usar sua potência de criatividade com a música de maneira solidária, democrática e dividir a beleza da música, do poder que tem a música, não só com as pessoas que podiam pagar. Como educador e pesquisador, argumenta que é no contexto da escola que muitas vezes a criança vai pela primeira vez ter contato com um instrumento musical. Lio encara a educação musical como uma ferramenta potente, não apenas para fazer do/a estudante um profissional da música, mas para ajudá-lo a perceber o que o profissional da música faz e a complexidade do fazer musical.

Afirma que nunca chegou a ganhar mais do que três salários como músico atuando com performances, shows ou eventos. Foi professor substituto em uma universidade federal, mas com a finalização do contrato em 2019, sua renda provém desde então exclusivamente do que ganha com seus grupos e das aulas particulares de instrumento.

Seu fazer musical por muitos anos esteve ligado à platéia, pessoas e aglomerações.

Trouxe em suas respostas admiração pelo exercício nas lives, porém não se sente contemplado com a opção acolhida pela classe de utilização das plataformas digitais de divulgação. Considera seus equipamentos insuficientes para esse exercício. Durante a pandemia, Lio fez um único vídeo que foi remunerado.

Sobre o fazer criativo, o entrevistado menciona baixa produtividade: trabalhou em canções anteriores ao período pandêmico e manifestou sentir-se afetado pelos efeitos de morte eluto que os dados divulgados compõem. Entretanto, a necessidade de compor renda familiar associada a inviabilidade de dar aulas o direcionou a construção de pifanos como forma de criar e produzir economicamente.

Em busca de auto-preservação de sua saúde mental e física, Lio refere-se a infodemia, sendo esta, dita por ele, como uma epidemia de informações e notícias (algumas falsas). Entende a necessidade de atualização, mas busca administrar esse acesso de forma a não adoecer. De todas as preocupações, a que mais contempla é a do cenário de sua profissão pós-pandemia. A formação consistente e a interface com a academia o coloca em posição de vantagem, reconheço, entretanto, o desconhecimento de como e quando retomará as atividades o mantém em estado de ansiedade e preocupações recorrentes.

Dos entrevistados aqui mencionados, Lio é o que apresentou menos preocupações com os desdobramentos da pandemia na classe artística. Certo que há em seu favor uma sólida formação acadêmica e um contexto familiar de incentivos e acolhida. Entretanto, há de se pensar nos efeitos dos discursos regulatórios produzidos pelo contexto político até aqui.

Nos últimos anos, além da descontinuidade de projetos de incentivo ao setor, a classe artística sofreu uma retomada do rótulo de marginalização de tempos militares por parte da sociedade civil. A incompreensão da Lei Rouanet e a associação desta com a ideia de corrupção entregaram a idealização de arte não como trabalho, mas como alternativa de renda esporádica.

No caso deste entrevistado, tem-se a leitura clássica do artista musical, ele admitiu para si algum momento o caráter elitista de seu instrumento musical e buscou o exercício da popularização entrando na contramão das condições historicamente impostas à música clássica. Assim, cabe lembrar em Butler (2016) que a leitura de precariedade precisa ser entendida por uma condição compartilhada populacionalmente e não na singularidade da história pessoal e talvez esse seja o paradoxo deste entrevistado, mesmo encontrando um leque de alternativas construídas por anos de trabalho e estudo, percebe as condições coletivizadas em sociedade e na classe trabalhadora que integra.

### **Rodrigo**

Rodrigo tem 67 anos e é músico desde menino, segundo ele por ter nascido em uma família de pessoas afinadas com a música. Fez graduação de música e atua profissionalmente como músico há trinta anos. A

sua situação financeira antes da pandemia já era inconstante, poisé assim a vida do músico, do artista em sua percepção. Em função das atividades presenciais terem ido a zero e o orçamento ter sido impactado, as pessoas próximas, amigas, e seu público, passaram a colaborar e ajudá-lo financeiramente. Rodrigo tem uma filha que é independente financeiramente. Os efeitos da pandemia estão em processo e compreende que as relações continuarão sendo com distanciamento social e todos os cuidados profiláticos.

Segundo ele, os efeitos da atual conjuntura sobre o exercício profissional do músico foi "uma bomba" e isso está provocando que se encontre "um jeitinho" de se apresentar virtualmente. Contudo, entende que para os/as profissionais instrumentistas que não cantam é mais difícil.

Entre os impactos da pandemia sobre o seu processo criativo, percebeu que está cantando mais devido às Lives que têm realizado durante a semana e nos finais de semana, as quais contam com o apoio - que caracteriza como generosidade de pessoas amigas e seu público - via contribuições espontâneas que somam na manutenção da sua situação financeira. Para Rodrigo, antes da pandemia havia mais composição de material novo e alguma produção inédita; na pandemia, a atividade maior é a performance de músicas célebres, ficando a criatividade na composição de repertório e que será performado e não em preparação de músicas inéditas. Toda a montagem de lives fica ao encargo do entrevistado que conta com apoio técnico de sua companheira para filmagem e captura do som.

Na sua visão, o trabalho através das Lives mobiliza processos de criação e atenção durante a semana, na escolha do repertório e das questões técnicas. Rodrigo afirma que se anima para trabalhar com tanta alegria e prazer pelo apoio advindo das pessoas conscientes e generosas que gostam do seu trabalho.

Rodrigo não sente conflitos emocionais que o impeçam de criar e estar ativo produzindo conteúdo para as Lives. Contudo, tem medo de perder pessoas que ama para o Covid-19. Tem um receio que, após a pandemia, a vida do profissional da música seja incógnita; entende que não será fácil acessar e disputar o mercado novamente. Até lá, para ele é preciso aguardar, se cuidar, trabalhar muito, pesquisar, procurar levar informações e diversão para as pessoas, "com algumas pitadas de humanidade."

Na fala de Rodrigo observamos que, no seu caso, por estar com 67 anos, e assim ter um percurso maior pela vida, parece-nos que trata-se de alguém que está conseguindo encontrar brechas, ou linhas de fuga (DELEUZE; PARNET, 1998), para esses impedimentos impostos pela pandemia, para poder proliferar seu trabalho, trabalhar e criar. Ele cita essa posição de cuidado, de estar à espreita com relação ao possível, afirmando que vai "cuidar, aguardar", denotando sua em relação ao momento pandêmico. Vale destacar que Rodrigo pertence ao grupo de risco para a Covid-19 (OMS), e apresenta uma dimensão mais resignada com relação aos cuidados e o tempo de espera necessários nesse momento. Ele, inclusive, cita que não sente os impactos emocionais, o que fala tanto de uma resignação psíquica, quanto de uma força criadora, ou potência de criação.

## **Keka**

Keka é separada, sem filhos ou dependentes financeiros, possui vinte anos de profissão, não possui casa própria e percebeu a necessidade de agregar serviço alternativo à subsistência com a música. Assim, constituiu uma empresa de congelados e serve jantares nas residências de contratantes. Keka pontuou que nunca conseguiu viver somente da arte, que sempre trabalhou paralelamente com outras atividades sem vínculo ou estabilidade, sempre com trabalhos pontuais fragmentados.

A pandemia evidenciou a necessidade de pôr em primeiro plano a atividade secundária exercida com a produção de congelados, inclusive impulsionando a locação de um espaço de expansão e adequação desta produção. Keka participou de lives, mas com baixo retorno financeiro; entende que as lives estão se esgotando na audiência do público e que o trabalho da produção é desproporcional ao retorno de satisfação pessoal, devido à ausência de contato com o público. Referiu durante a entrevista o quanto isso a sensibiliza emocionalmente, o quanto o distanciamento do público provoca sentimentos de tristeza.

No caso de Keka, não há produção de composições, pois a artista trabalha como intérprete; as composições em que trabalhou foram em parceria com outros artistas e, com a pandemia, não há encontros que as viabilizem. As perspectivas de futuro são vistas com preocupação por Keka, uma vez que menciona assistir o fechamento de espaços destinados a shows e eventos. Na tentativa de resguardar sua qualidade de saúde mental, a artista tem evitado noticiários, entendendo que o regime de medo imposto pelo risco biológico a torna improdutiva e mobiliza seu sistema imunológico. Em seu meio diversos amigos já foram contaminados e ela já se submeteu ao teste, tendo sido negativo o resultado.

Keka manifestou trabalhar politicamente com os artistas musicistas, sendo presidente da Associação dos Músicos, inclusive fazendo distribuição de alimentos aos colegas que na precariedade de condições de trabalho ficaram em situação de rua, sem a proteção de uma casa. Segundo descreve, a situação da classe

trabalhadora a que pertence é de vulnerabilidade socioeconômica: o auxílio emergencial não garante subsistência e as propostas de lei estão paradas nas urgências de apreciação da classe política. Segundo seu entendimento, a classe de musicistas não tem regimento e espírito de coletividade, o que torna a exposição às adversidades mais recorrentes.

Esta entrevistada, por sua vez, está numa posição muito distinta do anterior. Em que seu “alerta vital” (ROLNIK, 2018), ligado no máximo, impedida de acessar outras possibilidades criadoras. Escolhendo não ver notícias como uma forma de auto-cuidado, um recolhimento, se sentindo cansada de lives e colocando a atuação musical em segundo plano nas suas prioridades. A percepção de sobrevivência, e de sobrevivência financeira, fala mais alto.

Vale ressaltar a notável diferença de valorização laboral das mulheres brasileiras, e mesmo que seja uma mulher jovem e sem filhos, ainda assim necessita de renda para sua própria manutenção. E com todas essas dificuldades, Keka acaba retomando um roteiro tradicional, que ainda persiste no imaginário social, do lugar da mulher: fazer comida, servir.

Considerando ainda que os artistas entrevistados relataram dificuldades na monetização e rentabilização de suas performances virtuais, especificamente as *lives*, levantamos a questão acerca dos oligopólios de comunicação e entretenimento de massa, que através de cálculos algoritmos e *tracking* (rastreamento) de público-alvo, dão destaque para artistas famosos ou já em ascensão, que atinjam as massas ou muitas pessoas de uma só vez, com muitos seguidores, ou em redes de artistas que se apoiam mutuamente, gerando concentração de renda para essas empresas, estúdios, plataformas de *streaming* (transmissão), etc. O público consumidor vem sendo atraído há anos por essas empresas, desde antes da pandemia, portanto já estão de certa forma acostumados e condicionados a buscar conteúdos audiovisuais num formato *massmedia* (mídia de massa), e estes artistas, que não estavam em tais plataformas, precisaram migrar emergencialmente, adaptar seus repertórios e desenvolver novas habilidades, porém não foram absorvidos pelo público geral, a não ser pessoas que estivessem sensibilizadas pela causa do fomento aos artistas impactados pela pandemia. Com essa competição mercadológica injusta, muitos artistas acabam sendo empurrados para outros ofícios que lhes garantam alguma renda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários desafios se apresentam para profissionais da música no contexto da pandemia de COVID-19. No Brasil, é possível afirmar que esses desafios são intensificados por um contexto histórico de políticas destinadas à classe artística descontinuadas e fragilidades institucionais, tanto que, o Ministério da Cultura foi extinto em 2018. Dessa forma, é urgente entender como a precarização do trabalho desses profissionais atrelado à má gestão da crise sanitária por parte do poder público afeta o setor.

Diante do cenário atual, muitos dos profissionais da música procuram por novas formas de seguir em frente, incorporando em suas rotinas de trabalho o uso de plataformas virtuais, metodologias e recursos digitais. Mas essa não é uma opção para todos/as, como vimos nos relatos de nossos/as entrevistados/as. Ademais, o mercado de divulgações nas plataformas virtuais vem demonstrando sinais de saturação, o que levanta preocupações em relação ao acirramento da desvalorização do setor.

Se o fazer musical tem sido fortemente afetado, a criação também sofre os impactos da pandemia. A ausência de condições para criar, sejam elas decorrentes das condições de vida e dos ajustes que foram necessários de se fazer, soma-se a sentimentos como medo, desânimo, apatia e apreensão em relação ao futuro profissional.

A baixa produtividade e a precariedade de recursos financeiros decorrente da impossibilidade do exercício da profissão tal como acontecia antes do início da pandemia vem sendo enfrentadas, pelos profissionais da música entrevistados/as, com estratégias variadas. Há um esforço evidente no sentido de se reinventar, porém a condição de precariedade que caracteriza o exercício da profissão no país agrava a situação.

Se músicos/as que com suas performances e criações tanto contribuem para transformar as existências de todos, não são concretamente valorizados e reconhecidos, se não receberem um retorno financeiro justo pelo que fazem, a sociedade como um todo fracassa. O abandono da classe artística no Brasil nesses tempos de pandemia é, por conseguinte, mais um indicador do descaso com que tratamos aqueles ao qual recorremos em momentos de alegria e angústia; do descuido em relação àquilo que nos cuida e que deveríamos coletivamente cuidar. Os discursos dos/as profissionais analisados neste artigo visibilizam, por conseguinte, não somente suas condições singulares, mas o modo perverso como é tratada a inserção nesse campo.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. La invención de una epidemia. In: ABAMBEN, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias**. Madrid: Aspo, 2020. Cap. 1. p. 17-20.

ARAÚJO, Samuel. Brega, Samba, e Trabalho Acústico: variações em torno de uma contribuição teórica à etnomusicologia. **Opus**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1-10, maio 1999. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/69>. Acesso em: 06 fev. 2022.

BIHR, Alain. França: pela socialização do aparato de saúde. In: HARVEY, David *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. Cap. 3. p. 25-30.

BOHOSLAVSKY, Juan Pablo; RULLI, Mariana. Covid-19, instituciones financieras internacionales y continuidad de las políticas androcéntricas en América Latina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n273510>. Acesso em: 03 jun. 2020.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Covilização Brasileira, 2016. 287 p. Tradução Marina Vargas.

CAPONI, Sandra. Covid-19 e quarentena em Santa Catarina: um triste experimento populacional. **Blog de História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Publicado em 19 de maio de 2020. Acesso em 27 de maio de 2020. Disponível em <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/covid-19-e-quarentena-em-santa-catarina-um-triste-experimento-populacional/>

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro.

FARO, André *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 1-14, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Acesso em: 5 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. 254 p. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso dado em college de france (1975-1976)**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. 269 p. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: ., Mike Davis *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. Cap. 2. p. 13-24.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha; VASCONCELOS, Wagner. Crises dentro da crise: respostas, incertezas e desencontros no combate à pandemia da covid-19 no Brasil. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 34, n. 99, p. 25-44, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.003>.

LIMA, Rossano Cabral. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 1-10, nov. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312020300214>.

LINDNER, Sheila Rubia. **COVID-19: medidas de proteção no manejo da covid-19 na atenção especializada**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. 52 p. UNASUS.

MAHEIRIE, Kátia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de sartre e vygotsky. **Psicologia em Estudo**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 147-153, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722003000200016>.

MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira. Imagination and creative activity ontological and epistemological principles of Vygotsky's contributions. In: RATNER, Carl; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Vygotsky and Marx: toward a marxist psychology**. Nova York: Taylor & Francis Group, 2017. Cap. 6. p. 161-172.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; BAHIA, Camila. Suicídio no Brasil: mortalidade, tentativas, ideação e prevenção. **Impactos da Violência na Saúde**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 159-180, maio 2020. Editora FIOCRUZ. <http://dx.doi.org/10.7476/9786557080948.0009>.

PORTO, Deysi Mendes; DELZIOVO, Carmem Regina; QUEIROZ, Larissa de Abreu. **Prevenção ao suicídio**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. 48 p.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. 32 p.

SCHMIDT, Beatriz *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 37, p. 1-13, 2020. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 03 out. 2021.

SCHMIDT, Beatriz *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S.L.], v. 37, n. 1, p. 1-13, out. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.

SOUSA JÚNIOR, João Henriques de *et al.* #FIQUEEMCASA E CANTE COMIGO: estratégia de entretenimento musical durante a pandemia de covid-19 no brasil. **Zenodo**, Boa Vista, v. 2, n. 1, p. 71-86, 15 abr. 2020. Zenodo. <http://dx.doi.org/10.5281/ZENODO.3752276>. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/69>. Acesso em: 15 out. 2020.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 20, n. , p. 70-77, mar. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822008000400010>.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. 576 p.

ZIZEK, Slavoj. Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo. In: DAVIS, Mike *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020. Cap. 5. p. 43-47.